Contribuição dos Contos de Fadas no Processo de Ensino-Aprendizagem das Crianças

REVISTA ELETRÔNICA MULTIDISCIPLINAR
UNIFACEAR

Gabriele Polato Sachinski[1]
[1] *UNIFACEAR Centro Universitário*

RESUMO
O presente estudo trata sobre a contribuição dos contos de fadas no processo de ensino-aprendizagem das crianças, buscando investigar de que maneira o professor pode inserir tais textos em sua prática pedagógica de forma que eles contribuam significativamente no processo de aprendizagem da criança. Para tanto, desenvolve-se uma análise qualitativo-interpretativa do *corpus* selecionado, o qual é composto por dois contos de fada populares entre o público infantil: *João e Maria* e *Chapeuzinho Vermelho*. As análises respaldam-se nos postulados de Mallmann (2011), Bettelheim (2002), Coelho (1997) e Mussaia (2011), a fim de fazer um estudo sobre as origens e evoluções dos contos de fada, a importância desses textos para o imaginário infantil, as características do gênero e as ideologias e simbologias presentes em tais textos. As conclusões demonstram que esses textos são mais do que simples passatempos, pois estimulam, mesmo que inconscientemente, certos valores e comportamentos nas crianças, sendo, portanto, indispensável seu trabalho em sala de aula.

Palavras chave: Contos de fada, processo de ensino-aprendizagem, público infantil.

ABSTRACT
This paper deals with the contribution of fairy tales in the children teaching-learning process, seeking to investigate how the teacher can insert these texts in their pedagogical practice so that they contribute significantly in the child learning process. Therefore, a qualitative-interpretive analysis of the selected corpus is developed, which it is composed of two popular fairy tales among the children's audience: João and Maria and Little Red Riding Hood. The analyzes are based on Mallmann (2011), Bettelheim (2002), Coelho (1997) and Mussaia (2011) postulates, in order to study the fairy tales origins and their evolution, the importance of these texts for the imaginary, the characteristics of the genre and the ideologies and symbologies present in these texts. The conclusions show that fairy tales are more than simple hobbies, because they stimulate, even if unconsciously, certain values and behaviors in children, and therefore, their work in the classroom is indispensable.
Key Words: Fairy tales, teaching-learning process, children's audience.

1. INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma das atividades mais relevantes no processo de alfabetização infantil, pois, por meio das narrativas e da ludicidade, as crianças incorporam valores e conceitos.

Bettelheim (2002), por sua vez, afirma que os contos de fadas são produções literárias singulares, pois são compreensíveis para todas as faixas etárias, inclusive pelo público infantil, os quais ficam fascinados com o universo que lhes é apresentado.

Sendo assim, o presente artigo trata sobre a contribuição dos contos de fadas no processo de ensino-aprendizagem das crianças, buscando respostas para o seguinte questionamento: de que maneira o professor pode inserir os contos de fadas em sua prática pedagógica de forma que contribua significativamente no processo de aprendizagem da criança?

A fim de se chegar a tal resposta, procura-se efetuar um estudo do gênero literário contos de fadas, com o intuito de compreender de que maneira esses textos podem ser usados como ferramenta para aprendizagem das crianças em processo escolar.

Como objetivos secundários, porém não menos importantes, busca-se conhecer as origens dos contos de fadas, identificando os mitos, fábulas e simbologias presentes neles, verificando como ocorre a incorporação de valores nas narrativas dos contos de fada e como são interpretados pelas crianças, bem como investigar de que maneira os professores podem usar os contos de fadas como ferramenta pedagógica.

Este estudo mostra-se relevante uma vez que é mister que se estudem maneiras de incorporar esses gêneros nas práticas pedagógicas, buscando meios para que seja eficientemente explorado, propiciando o aprendizado por meio da literatura, principalmente ao considerar que os contos de fada são uma forma antiga de literatura, mas que nos primórdios não era voltada ao público infantil, mas sim usada para difundir os mitos entre os povos hindus, persas, gregos e judeus (KUPSTAS, 1993).

Ainda nesse sentido, a autora supracitada ainda afirma que esse gênero literário faz parte do ambiente escolar há vários anos, uma vez que estimula a imaginação dos alunos. Coelho (2003), em concordância com esses ideais, explana que, por estimularem a criatividade, os contos de fada também despertam a curiosidade, a qual costuma ser respondida ao longo do texto. Portanto, é necessário que os professores saibam como usar esse gênero a favor do processo de ensino-aprendizagem, despertando, por conseguinte, o interesse pela leitura e estimulando a imaginação dos pequenos.

2. GÊNEROS LITERÁRIOS

A teorização dos gêneros literários se iniciou no século V a.C, com Platão e Aristóteles. Nesse primeiro momento, na cultura greco-romana, os gêneros literários foram divididos em três grandes grupos: épicos, líricos e dramáticos.

Com o passar dos anos, essa divisão tripartida começou a se mostrar insuficiente para abarcar todos os tipos de textos. Diante disso, os estudos literários começaram a sugerir novos gêneros: ensaio, novelas, conto, romance, crônicas, entre outros.

Contudo, conforme ressalvas feitas por Soares (2007), essa categorização da literatura em gêneros, durante muito tempo, não foi consenso entre os estudiosos da área. Diante disso, é importante lembrar que "a teoria dos gêneros é vista como meio auxiliar que, entre outros, nos leva ao conhecimento do literário, mas nunca deve ser usada para valorização e julgamento da obra." (SOARES, 2007, p.22).

De modo geral, o que se buscou, na verdade, ao se desenvolver tais estudos foi identificar características semelhantes entre os textos, a fim de facilitar a organização dos estudos na área da Literatura, e é embasado nessas características que, a seguir, tentamos delimitar o gênero contos de fada.

2.1. O GÊNERO CONTO DE FADAS

O gênero literário conto de fadas é uma ramificação do gênero conto, o qual figura a classe dos textos narrativos. Além disso, faz parte da subcategoria literária denominada de Literatura Infantojuvenil, porém seu alcance não se restringe apenas a esse público, podendo ser lidos, inclusive, por adultos.

Massuia (2011) afirma que entre as características dos contos de fadas podemos citar os personagens mágicos, como fadas, bruxas, gigantes, anões etc., e a não definição do tempo e do espaço nas histórias – o que permite que sejam sempre histórias atuais, próximas das realidades dos leitores.

Ademais, a mesma autora afirma que esses textos têm "seu eixo gerador em uma problemática existencial. Sendo assim, as histórias são marcadas pela realização existencial do herói, normalmente representada pelo casamento, ideal a ser alcançado após o enfrentamento de diversos obstáculos ou provas [...]". Outros elementos que podem ser destacados como característicos dos contos de fada são as personificações de valores, como bondade e maldade, por meio das personagens, os quais costumam estabelecer relações, sejam elas amigáveis ou não.

Todos esses elementos fazem com que os leitores, principalmente os pequenos, envolvam-se nesse universo mágico, identifiquem-se com determinados personagens e internalizem certos comportamentos e ideais.

2.2.1 A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Não é possível determinar com exatidão quando os contos de fada surgiram, uma vez que eles provêm de uma tradição oral. Contudo, muitos estudiosos costumam apontar o Oriente como o berço da Literatura Maravilhosa Ocidental, com a obra Calila e Dimna, datando do século VI (COELHO, 1991).

Massuia (2011), por sua vez, comenta sobre a influência da cultura celta, pois é desse povo que advém a noção de mulheres com poderes sobrenaturais, as quais, anos depois, deram origem à figura das fadas (se boas) e das bruxas (se más).

Na Idade Média, as histórias passaram a ter como intuito o ensinamento moral ou religioso. Como herança dessa época, tem-se a esperteza e a coragem como formas de sobrevivência, bem como personagens violentos (o gigante carnívoro de *João e o pé de feijão*) ou que viviam em situações difíceis (os pais pobres de *João e Maria*). Contudo, muitos autores, quando adaptaram algumas histórias para o público infantil, ocultaram ou suavizaram passagens mais violentas (MUSSAIA, 2007).

Na atualidade, essas adaptações das histórias infantis exercem um grande papel, uma vez que os contos de fada são histórias que tocam o imaginário das crianças, e isso faz com que os autores busquem acompanhar os costumes e crenças da humanidade, tentando mostrar a melhor solução possível para o herói da narrativa, com suavizações de passagens violentas – como a questão da avó de *Chapeuzinho Vermelho*, a qual é devorada, mas permanece viva, podendo ser salva pelo caçador; ou do próprio lobo, o qual não é morto, apenas castigado por seu comportamento.

2.2 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS

Não há como negar que a contação de histórias é uma atividade importante para o processo de aprendizagem infantil, uma vez que permite às crianças apreenderem valores e conceitos de maneira lúdica.

Todavia, como visto na seção anterior, por muito tempo as histórias foram transmitidas de maneira oral, principalmente para povos que ainda não tinham acesso à Ciência e, portanto, recorriam a explicações fantásticas e míticas sobre a realidade (MUSSAIA, 2011).

É nesse momento que surgem os mitos, os quais possuem certa relação com o religioso, que se dá por meio das figuras dos deuses, e explicam nascimentos e mortes, fenômenos naturais e sobrenaturais, entre outros acontecimentos.

Alguns estudiosos, como Mendes (2000), apontam o conto como sendo herdeiros dos mitos, uma vez que os mitos, desvinculados de seus rituais, assumiram a forma de histórias populares, como elementos fantasiosos, tais como os contos de fadas.

Recorrendo às teorias de Freud e Jung, Mendes (2000) elucida o conceito de linguagem simbólica, essa, segundo a autora, também presente nos contos de fada. De acordo com a literata, a linguagem empregada nas histórias, além de permitir uma constante atualização dos acontecimentos, apresentam símbolos das experiências e desejos humanos que já figuravam nos mitos: poder, magia, casamento, maternidade, amor etc.

Diante dessas breves reflexões, é possível compreender a importância dos contos de fadas para a formação da psique infantil, uma vez que as histórias encantam esse público. Ao serem protagonizadas por personagens que passam por situações tipicamente humanas (como fome, por exemplo), os leitores conseguem projetar-se no enredo, deixando-se envolver por ele. Além disso, há sempre a luta entre o bem e o mal, entre o fraco e o poderoso, a qual reflete os anseios das pessoas em vencer na vida e alcançarem o seu *felizes para sempre*.

2.3 BETTELHEIM (2002) E MALLMANN (2011)

Diante do que discutimos até o momento, é consenso que a literatura contribui significativamente para o aprendizado, principalmente na educação de crianças, uma vez que pode trazer inúmeros benefícios à alfabetização, tais como aumento de vocabulário, melhora na escrita e no ritmo de leitura. Além desses, a literatura pode auxiliar na apreensão de valores positivos, como a solidariedade, o respeito ao próximo e ao meio ambiente e à autonomia (MALLMANN, 2011).

Nesse sentido, de acordo com Bettelheim (2002, p. 12), os contos de fadas figuram como um gênero que pode tanto encantar a criança por meio de deu universo fantástico, quanto diverti-la, esclarecê-la sobre si mesma, e

> favorecer o desenvolvimento de sua personalidade. [o conto de fadas] Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Para Bettelheim (2002), portanto, os contos de fada apresentam-se como o melhor gênero para as crianças aprenderem a lidar com problemas e conflitos externos. Contudo, essa só pode ser uma concepção verdadeira se a criança for considerada como um ser ativamente participante do meio no qual está inserida, incluindo os processos nos quais participa, sendo capaz de refletir sobre eles.

Ao se deparar com a história lida, a criança usa sua imaginação e se reconhece como integrante do enredo, fazendo uma das tarefas de leitura mais complexa:

aproximando ficção e realidade. Sendo assim, o inconsciente mostra-se como uma parte fundamental da mente humana, tanto em adultos quanto em crianças. Talvez por isso, a contação de histórias sempre foi uma atividade privilegiada para a transmissão de conhecimentos, valores e cultura, uma vez que os ensinamentos são internalizados na mente dos leitores e podem ser acionados mesmo inconscientemente.

Diante do exposto, não há como negar a importância de se explorar os contos de fadas como ferramentas de aprendizagem no processo escolar infantil. Ademais, ao fazer um trabalho cuidadoso com a literatura, em especial com os contos de fada, o professor desperta o interesse da criança pelo universo literário, o qual tende a ser mantido e/ou ampliado no decorrer de sua vida. Portanto, apresentaremos uma proposta de trabalho com esse gênero mais adiante.

3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, buscando uma revisão de termos conceituais relevantes para as análises propostas.

Os contos selecionados para compor o *corpus* deste estudo compreendem histórias bem conhecidas do público infantil: *Os três porquinhos, João e Maria, Branca de Neve, Cachinhos de Ouro* e *Bela Adormecida*. Essas histórias serão submetidas a uma análise qualitativo-interpretativa a fim de verificar como ocorre a incorporação de valores e simbologias nessas narrativas e de investigar de que maneira os professores podem usá-las como ferramenta efetiva de ensino-aprendizagem. Para tanto, apoiar-se-ão as análises nos postulados de Mallmann (2011), Bettelheim (2002), quanto às características do gênero, e de Coelho (1997) e Mussaia (2011), quanto às especificidades que permitem a esse gênero literário contribuir efetivamente nas práticas pedagógica.

4. OS CONTOS DE FADAS E COMO INCORPORÁ-LOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Há diversos contos de fadas conhecidos e queridos pelo público infantil. Dentre esses, selecionamos dois títulos a fim de analisarmos de que maneira algumas ideologias estão inseridas nessas narrativas.

4.1 JOÃO E MARIA

“João e Maria” é um dos contos mais conhecidos dos Irmãos Grimm, sendo originalmente intitulado como “*Hänsel und Gretel*”. A história se passa em uma humilde casa localizada ao lado de uma floresta. Os protagonistas são irmãos, filhos de um pobre casal de lenhadores que teme não ser mais capaz de alimentar as crianças. Uma noite, João e Maria ouvem a mãe tentando convencer o pai de que o melhor a se fazer é abandonar as crianças na floresta.

Analisando o início da narrativa, é possível identificar algumas ideologias presentes na história. O local e tempo da narrativa não são específicos, o que os deixa em aberto para a imaginação infantil, a qual tentará reconstitui-lo com cenas de lugares já conhecidos – o que aproximará a criança da cena narrada. Outro elemento que merece destaque são os nomes escolhidos para os protagonistas: por serem nomes comuns, acabam por tornar esses personagens genéricos, podendo representar qualquer menino ou menina. Além disso, como ressalta Bettelheim (2002), os demais personagens não possuem nomes, sendo descritos de maneira vaga, como, por exemplo, “pai”, “mãe”, “bruxa”.

A questão do abandono abordada no início da narrativa representa o medo que toda criança tem de ser abandonada pelos pais. Além disso, pode expressar a ideia de que as crianças devem dar menos trabalho possível aos pais, pois, se não o fizerem, podem correr o risco de serem abandonadas por eles. O fato de ser a mãe a planejar o abandono, enquanto o pai permanece uma figura com pouca participação na história, reflete o papel desempenhado pela figura materna na vida da maior parte das crianças, pois é ela quem representa a figura ameaçadora (que dá bronca e castigos) e a figura benevolente (que dá carinho e cuidados) (BETTELHEIM, 2002).

Na história, os irmãos percebem o plano dos pais e planejam uma forma de conseguirem voltar para casa. Usando de inteligência, João marca o caminho de volta com pedras e eles conseguem retornar ao lar. Contudo, no dia seguinte os pais os abandonam novamente, mas, dessa vez, as crianças não encontram o caminho de volta, pois jogaram farelos de pão pelo caminho e esses foram comidos pelos pássaros.

Com a primeira cena, mostra-se às crianças que fugir dos problemas não é a melhor solução, pois não o resolve, só o adia: as crianças conseguem voltar para casa da primeira vez, mas isso não impediu os pais de abandoná-las no dia seguinte. Como explica Bettelheim (2002), a cena do segundo abandono ilustra para a criança que o descuido na hora de planejar pode trazer consequências, pois não foi muito esperto jogar pão pelo caminho, já que podia ser comido por vários animais.

Ao perderem a trilha para casa, as crianças adentram em um universo desconhecido e deparam-se como uma casa feita de doces. Com fome, as crianças são atraídas pela comida e devoram-na. Logo em seguida, aparece a figura da bruxa.

A visão da casa de doce personifica as tentações às quais as crianças estão expostas. Ceder a elas e devorar a casinha exemplifica as consequências não tão agradáveis de ceder às tentações, pois a gula denunciou a presença das crianças para a bruxa, a qual é a representação da maldade.

Para saírem dessa situação, as crianças precisam executar um plano que engane a bruxa. Contudo, Maria precisa desempenhá-lo sozinha, pois João está preso em uma gaiola e prestes a ir parar no caldeirão da bruxa.

Nessa cena, mais uma vez percebe-se a importância do planejamento e da inteligência, pois é só por meio deles que os irmãos conseguem enganar a bruxa e salvar-se. Dessa vez, porém, a personagem detentora da esperteza é Maria, o que reforça a ideia de que a figura feminina pode ser bondosa – em oposição à maldade personificada pela bruxa, também feminina (BETTELHEIM, 2002). Além disso, a alternância da figura do herói salvador entre João e Maria ilustra a cooperação, característica importante para a vida em sociedade.

Depois de derrotarem a bruxa, os irmãos conseguem finalmente encontrar o caminho de casa. Ao chegarem lá, as crianças entregam aos pais os bens que encontraram na casa de doces e a família vive feliz para sempre.

Esse final tem três grandes significados. O primeiro é o mais comum e diz respeito à recompensa recebida por derrotar o mal. O segundo relaciona-se com a questão da independência: quando ainda eram dependentes dos pais, João e Maria foram abandonados, pois sua família não era capaz de sustentá-los. Ao retornarem mais maduros e capazes de resolverem seus próprios problemas, as crianças não só oferecem ajuda material à família, como contribuem para seu bem estar, sendo aceitos e acolhidos por eles (BETTELHEIM, 2002).

O terceiro sentido é a devolução das crianças para o “mundo real”, ou seja, um mundo longe da magia, o qual ficou para trás: a história começa em um ambiente comum, uma casa simples em uma floresta, e é nesse mesmo ambiente que ela acaba. Isso faz com que a criança leitora seja trazida de volta à realidade, onde acontecem os problemas que a cercam, mostrando que a magia é aceitável, mas sempre se deve retornar ao real.

4.2 CHAPEUZINHO VERMELHO

A primeira publicação do conto “Chapeuzinho Vermelho” data de 1697, pela voz de Charles Perrault. Porém, a versão mais conhecida dessa história é a dos Irmãos Grimm, a qual é narrada de maneira mais suavizada se comparada com a primeira.

Chapeuzinho Vermelho é uma menina que vive com sua mãe em um vilarejo ao lado de uma floresta e tem esse nome porque sempre usa uma capa com capuz vermelho. Um dia, sua mãe pede para que a menina leve uma cesta de doces para sua avó que mora na vila do outro lado da floresta. Antes que a garota saia, sua mãe a adverte para que ela não fale com estranhos e para que não se desvie da trilha que atravessa a floresta e une as duas vilas.

Mais uma vez, o cenário e os personagens são vagos, permitindo que as crianças os aproximem de sua realidade. Percebe-se que Chapeuzinho tem uma vida tranquila e feliz, com todas as suas necessidades supridas – tanto é que leva uma cesta de doces para agradar a avó. Além disso, a menina sai de casa de livre vontade e deve percorrer um caminho seguro e conhecido.

Contudo, o conflito da narrativa se desenrola quando Chapeuzinho não atende aos pedidos da mãe e, por desobediência ou ingenuidade, conversa com o lobo. Este, além de convencer a menina a ir por outro caminho, ainda consegue informações sobre o endereço da avó, com a intenção de chegar lá antes dela.

Ao desobedecer à mãe, Chapeuzinho coloca-se em risco, o que ilustra o caráter pedagógico da história: a desobediência aos conselhos dos mais velhos traz sérias consequências.

Quando finalmente chega à casa da avó, a menina depara-se com o lobo no lugar daquela, disfarçado e deitado na cama. Sem perceber que se tratava do lobo, a menina conversa com ele, mas apresenta dúvidas quanto à sua verdadeira identidade, fazendo as conhecidas perguntas desse conto.

Nessa cena, mais uma vez, reforça-se a ideia da ingenuidade de Chapeuzinho, a qual, novamente, coloca-lhe em perigo. Além disso, as perguntas feitas pela personagem giram em torno dos quatro sentidos usados pelas crianças para explorar o mundo que as cerca: visão, audição, tato e paladar (BETTELHEIM, 2002).

Quando é atacada pelo lobo e percebe-se em apuros, a menina grita por socorro e é atendida pelo caçador, o qual captura o lobo e salva Chapeuzinho e a avó (que havia sido engolida pelo lobo).

É notável que nesse conto a figura masculina é representada de duas maneiras distintas: o lobo é a personificação da maldade, da esperteza e da sedução; enquanto o caçador é a representação da figura paterna, protetora e bondosa. Bettelheim (2002) elucida que Chapeuzinho representa crianças, principalmente meninas, em estágio pré-

adolescente, as quais já se desligaram um pouco da figura materna como centro do processo de desenvolvimento infantil, por isso a presença masculina na história, pois as figuras maternas (mãe e avó) nada podiam fazer pela menina naquele momento.

Ao final da narrativa, com a avó salva pelo caçador, cabe a Chapeuzinho decidir o que será feito com o lobo. A menina, então, decide castigá-lo por seus atos e pede ao caçador que encha a barriga dele de pedras.

Ao delegar essa decisão à menina, ilustra-se a responsabilidade por julgar as consequências que os atos de terceiros, quando dirigidos a nós, terão. Além disso, não matar o lobo mostra benevolência por parte da menina, bem como sua capacidade em perdoar – sem contar que suaviza a violência da história, uma vez que a avó e o lobo saem vivos (MUSSAIA, 2007).

Bettelheim (2002, p.190), contudo, tem uma outra interpretação desse fato. Segundo ele, esse final suavizado se deve ao fato de que

> o conto de fadas protege a criança de uma ansiedade desnecessária. Se o lobo morresse quando a barriga é aberta, como numa operação cesariana, os ouvintes poderiam temer que uma criança, ao sair do corpo da mãe, a matasse. Mas, como o lobo sobrevive à operação, então não há razão para ansiedades quanto ao parto.

Ao final, Chapeuzinho Vermelho se delicia com os doces da cesta, tomando café com a avó e o caçador. Depois, volta para casa e aprende a lição: nunca desobedecer aos pais.

Mais uma vez, o final apresenta uma recompensa pela resolução do conflito, bem como um amadurecimento por parte da personagem, pois aprende com seus erros e com seus feitos.

4.3 COMO INCORPORAR OS CONTOS DE FADA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Não há como negar que os contos de fadas são bem aceitos entre o público infantil. Ademais, são ótimos gêneros para trabalhar, lúdica e inconscientemente, valores e ensinamentos (MALLMANN, 2011; MUSSAIA, 2007).

Ao ler um conto de fadas, a criança se identifica com as personagens e/ou com as dificuldades por eles encontradas e, devido aos contos sempre terem um desfecho positivo, esses textos, além de estimularem a imaginação, acalmam as ansiedades infantis na medida em que mostram aos pequenos que os problemas podem ser superados.

Junto a isso, as simbologias presentes nos contos são internalizadas, ainda que inconscientemente, pelas crianças e, mesmo que não o sejam compreendidas e interpretadas em sua totalidade, os ajudam a externalizar certas dúvidas, preocupações e sentimentos. Portanto, o trabalho com esse gênero em sala de aula pode trazer benefícios aos alunos na medida em que os permitem trabalhar questões pessoais de maneira "mágica".

Diante disso, cabe ao professor estimular a leitura desses gêneros, favorecendo a discussão das simbologias presentes nesses textos, sempre considerando a idade e maturidade dos alunos para compreendê-las e quais questões pretende-se colocar em pauta, pois, como mostrado, cada conto de fadas traz simbologias diferenciadas e até mesmo opostas.

Uma possibilidade de trabalho é a roda de leitura dialogada, em que cada aluno é responsável pela leitura de uma parte do enredo. Outra possibilidade é a dramatização desses textos, por meio de teatros ou fantoches, o que estimulará ainda mais a fantasia e a imaginação possibilitada por tais textos.

5. CONCLUSÃO

Sabe-se que a leitura faz parte do dia a dia, não só escolar, mas cotidiana. Nesse contexto, a escola desempenha um papel muito importante na formação da capacidade leitora, já que é nela que todos os anos as crianças ingressam para serem alfabetizadas. Porém, mais que alfabetizar, cabe à escola formar cidadãos letrados e proficientes em leitura e escrita.

Ao professor cabe o papel de mediador da aprendizagem. Assim sendo, ele tem importância fundamental para a formação do leitor. Mais do que isso, na verdade: cabe ao educador estimular nos alunos o gosto pela leitura. Um dos gêneros que há muito tempo encanta as crianças, e que, por isso, poderia ajudar nessa tarefa, é o conto de fadas, o qual poderia ser mais explorado em sala de aula, uma vez que estimula a criatividade e a imaginação e permite a incorporação de valores e comportamentos.

A inserção desse gênero pode ser feita de várias formas, cabendo ao professor selecionar qual o melhor texto dentro do seu planejamento, sempre buscando uma leitura significativa, em que a obra se torne pretexto para outras discussões e outros aprendizados.

6. REFERÊNCIAS

BETTELEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

COELHO, B. **Contar Histórias:** Uma Arte Sem Idade. São Paulo. Ática, 1997.

COELHO, N. N. **O conto de fadas.** São Paulo: Ática, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** 5. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

MALLMANN, M. C.. **A literatura infantil no processo educacional:** Despertando os valores morais. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MASSUIA, C. S. **Os contos de fadas e as práticas educativas:** o uso do gênero em uma escola municipal de Presidente Prudente. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, 2011.

MENDES, M. B. T. **Em Busca dos Contos Perdidos** - o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SOARES, A**. Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.